



## CRÍTICA À ‘CULTURA UTILITÁRIA’<sup>1</sup>

Ana Cecília dos Santos<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Mato Grosso

### Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo analisar o processo de construção da identidade regional do CD Cultura Utilitária (materiais textual, gráfico e sonoro), patrocinado pela lei de fomento à cultura do Estado de Mato Grosso, no ano de 2006. Para tanto tratamos de temas como identidade e cultura nacional; campo cultural e processos comunicacionais; construção identitária por similaridades e disparidades; através da descrição e análise de tópicos do objeto de estudo articulados com autores como Stuart Hall, Renato Ortiz, Alfredo Bosi, André Muniz, Lucia Santaella, Maria de Lourdes Sekeff, entre outros.

**Palavras - chave:** identidade; comunicação; Audiovisual; estética; diversidade cultural.

### Introdução

No ano de 2006 o governo do estado de Mato Grosso aprovou através da lei n. 8.257 (22 de dezembro de 2004) de Fomento à Cultura do Estado de Mato Grosso o projeto *Cultura Utilitária*: produção sonora e visual de um *compact disc* (CD) contendo 10 faixas em formato áudio e fotos ilustrativas.

O fundo disponibilizado à produção artístico-cultural do estado é vinculado com a Secretaria de Cultura do Estado, a qual tem como função os papéis de implementação e suportes técnico e material de viabilização da lei, através do conselho estadual de cultura atuando juntamente com o secretário de cultura estadual.

A cada ano o Estado abre inscrições para que pessoas físicas ou jurídicas possam inscrever projetos dentro das áreas descritas pelo artigo 2º:

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT Audiovisual, do VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Centro-Oeste.

<sup>2</sup> Musicista, especialista em Didática do Ensino Superior, mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa de Mato Grosso (FAPEMAT). Linha de pesquisa atuante: Estudos Culturais. Música: Educação, Estética e Amálgamas Sonoras



- I - apoiar a criação, produção, valorização e difusão das manifestações culturais, com base no pluralismo e na diversidade de expressão;
- II - promover o livre acesso da população aos bens, espaços, atividades e serviços culturais;
- III - estimular o desenvolvimento cultural do Estado em todas as suas regiões, de maneira equilibrada, considerando o planejamento e a qualidade das ações culturais;
- IV - apoiar ações de preservação e recuperação do patrimônio cultural material e imaterial do Estado;
- V - incentivar a pesquisa e a divulgação do conhecimento, em especial sobre a organização da cultura e a renovação das linguagens artísticas;
- VI - incentivar o aperfeiçoamento de artistas e técnicos das diversas áreas de expressão da cultura;
- VII - promover o intercâmbio e a circulação de bens e atividades culturais com outros Estados e Países, destacando a produção mato-grossense;
- VIII - valorizar os modos de fazer, criar e viver dos diferentes grupos formadores da sociedade;
- IX - gestão administrativa da Política Estadual de Cultura, inclusive gastos com custeios, pessoal e encargos sociais, desde que diretamente relacionados com as atividades do Fundo.

Dentro da lei, o Cd “Cultura Utilitária” justifica-se tendo como base nos discursos atuais sobre a sociedade contemporânea, suas novas formas de relação propostas na atualidade, no que se refere aos seus agentes sociais (indivíduos) e as técnicas utilizadas dentro dos processos sócio-culturais; incluindo o contexto da produção musical e a sensibilidade criadora como agentes de transformações culturais.

O projeto pretensiosamente é uma visível tentativa em buscar o discurso sobre a sociedade contemporânea para o contexto histórico, político e social da região de Mato Grosso. Com isso, seus objetivos gravitam sobre uma produção artística reflexo da dinamicidade dos processos culturais presentes na cultura regional, que busca levar o ouvinte à ampliação de novas formas de apreciação do produto social local, através de um discurso crítico e interativo entre as linguagens sonora, visual e literária.

Desta forma, temos por objetivo principal analisar a produção audiovisual da referida obra com o intuito de investigar seus elementos comunicacionais responsáveis pela construção de sua identidade e seu local na sociedade que se insere.

Partimos das definições sobre identidade, construção identitária, passado pela sua formação através de similaridades até chegar à nova forma e comunicação do campo social, a qual transforma as diversidades em identidades unas; Observamos que Cultura Utilitária comunica e busca sua legitimação através da construção de uma identidade calcada nas diversidades culturais do campo social.



## **A questão Identidade e cultura nacional**

... toda identidade é uma construção simbólica (a meu ver necessária), o que elimina, portanto as dúvidas sobre a veracidade ou a falsidade do que é produzido. Dito de outra forma, não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos. Renato Ortiz (2005 p.9).

Em meio às transformações contemporâneas novas discussões surgem no que se refere à instituição ou não de novos paradigmas. Apesar de suas divergentes posições, a relação do Sujeito no campo social volta a ser enfocada. Frente a isso, tomamos como referencial os estudos de Stuart Hall (2002), onde este pretende estabelecer a questão identitária dentro das novas configurações da modernidade, as culturas nacionais, globalização e a questão do local.

Segundo Hall (2002) a identidade só torna-se uma questão quando surgem novas formas de pensar a sociedade. E a essência da discussão seria pelo fato de que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (Hall,2002 p.07).

A posição básica do autor é afirmar que existe uma nova disposição, de ‘descentração’, do sujeito, o qual encontra-se deslocado e dilacerado frente aos novos e constantes processos de transformações sociais. O sujeito, que por muito tempo era dono de uma identidade sólida e única, passa a possuir inúmeras possibilidades de identificações: Ora como dona de casa, ora como estudante, ora como mãe; será através das instituições de sexo, raça, nacionalidade, entre outros, as prováveis instituições dos lugares dos sujeitos. Já não é mais a relação entre a classe trabalhadora e o patronato, mas sim, os inúmeros locais dentro do campo social, conforme a atuação desse indivíduo.

...as identidades que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades



culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.(Hall, 2002 p. 12)

Será dentro desse novo processo que se constituirá o sujeito pós-moderno. “conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (Hall, 2002 p. 12). Desta forma, nossa identificação, conforme Hall (2002), passa a ser definida como uma “celebração móvel” (Hall, 2002 p.13), delimitada por nossa história social dentro de uma nova constituição iniciada pelos processos de globalização.

A idéia clássica de sociedade se contrapõem a nova constituição onde fronteiras nacionais são rompidas e o mundo torna-se um espaço-único; os espaços Nacionais se conectam e se dispõem de novas formas de organização. Este processo, segundo Hall (2002), já vem se estabelecendo desde a constituição dos estados-nação, uma vez que o capital teria esta característica de quebra de fronteiras e livre circulação.

Ao mesmo tempo em que os processos de globalização trazem a descentração do sujeito e sua instabilidade como identidade única, outro movimento se organiza. Segundo Hall (2002), as identidades nacionais passam a ser reforçadas e construídas para simbolizar uma unidade imaginada, a qual dará suporte para a compreensão do sujeito nesta nova sociedade.

A identidade nacional, desta forma, é tida como um sistema de representação cultural. “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (Hall, 2002 p. 48).

Neste sentido, Bosi (1983) também afirma que os padrões culturais, impostos para cada indivíduo, seriam responsáveis por sua moldagem dentro de um nacional específico. “pode-se encontrar uma ‘personalidade básica’ inerente a cada povo, e que seria induzida na criança desde os seus primeiros dias” (Bosi, 1983 p.XIII)

Para Hall (2002), é próprio do indivíduo pensar em uma identificação nacional como essência de sua constituição, mesmo que este processo seja feito na representação das relações exteriores, no social e na construção de sua cultura.

A representação individual ou as manifestações que emergem do campo social passam a ser informada por sua constituição coletiva integrante da unidade nacional; e para Novaes (2004) este acontecimento destrói as diferenças culturais impedindo sua verdadeira origem. O novo discurso formado será, então, responsável em responder sobre o caráter nacional “apagam-se as diferenças culturais em favor da ficção de que somos iguais” (Novaes, 2004 p. 11).



Somos não mais a unidade individual, mas a unidade nacional, o ‘ser nacional’. Dentro disso, uma vez tomadas às características gerais da coletividade como únicas e verdadeiras, somos desenhados de forma homogênea, o que, para Bosi (1983) seria uma forma de leitura generalista que resulta em maneiras estereotipadas de definição.

Segundo Dauto Novaes (2004) o Estado, desta forma, seria a única possibilidade de cumprimento do indivíduo, na medida em que este constrói concepções de mundo e dá significação a seus participantes. Neste processo, os intelectuais passam a falar...

‘pelo Estado, para o Estado e a partir do Estado’, torna-se consciência da cultura, uma consciência que tem a posse da verdade do todo...É nessa esteira que surgem os projetos de Cultura Nacional Popular, investimento fantástico encarregado de construir a identidade cultural, a unidade social e ao mesmo tempo a idéia de legitimidade (Novaes, 2004 p. 10)

De acordo com Hall (2002) a “cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (Hall, 2002 p. 50). E serão as histórias nacionais que darão sentido as identificações; será nas diferentes constituições dessas histórias que as nações se institucionalizarão de formas diferentes.

Para relatar esta estratégia discursiva Hall descreve cinco principais elementos: *A narrativa da nação*, que proporcionará representações simbólicas para o campo social através da instituição de cenários, imagens e panoramas perpetuados, ‘contados e recontados’, por vias literárias, orais, de manifestações da cultura popular e através das mídias; *A identidade nacional*, como essência da ‘verdadeira natureza das coisas’. Seus elementos são sólidos e permanecem imutáveis mesmo no decorrer dos processos históricos. *A tradição* – narração muitas vezes construída e, ao contrário de seu sentido de tempo distante, apresenta-se como impositora e reguladora de normas e valores idealizados por uma minoria hegemônica; *o mito fundacional*, “uma história que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo... do tempo mítico” (Hall, 2002 p. 55); e a idéia do *povo original*, o folk puro, o povo que produz as raízes culturais, mas que não participam diretamente da representação de poder.



Mais especificamente sobre o *folk puro*, podemos exemplificá-lo através da manifestação musical nacionalista brasileira do período estado-novista (décadas de 30 – 45), onde os intelectuais buscavam produzir uma música nacional, embebida num ethos rústico; da figura ingênuo e puro do homem caipira e seu folclore, em contraposição à música de vanguarda reproduzida pelas rádios em larga escala. (Wisnik, 2005). A verdadeira manifestação da cultura nacional é, desta forma, a elaboração da música erudita aliada à música folclórica.

Segundo Ortiz (2005) sobre a constituição brasileira, o conceito de raça precede ao conceito de cultura. Somos miticamente formados por três raças que se transformaram no povo mestiço e, a partir disso, nossa representação se fará. Contudo, considerá-lo ainda num Brasil escravista era inconcebível. É, então, através de obras como *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire, que o mestiço vai se despidendo de suas características negativas e passa a delinear, de fato, a nova posição do mestiço na sociedade. É onde mais e mais, torna-se difícil desintegrar e observar as fronteiras da cor, uma vez que caminhamos para a “construção de uma identidade mestiça” (Ortiz, 2005 p. 43). “O mito das três raças é neste sentido exemplar, ele não somente encobre os conflitos raciais como possibilita a todos de se reconhecerem como nacionais” (Ortiz, 2005 p. 44).

Neste sentido torna-se difícil falar em cultura sem levar em consideração as posições histórico-político-sociais dos grupos e as suas relação com as diferentes formas de Poder - do Estado ou de grupos hegemônicos. Para Ortiz (2005) a forma de reinterpretar a cultura social está intrinsecamente ligada a este fato e, considerá-lo é “dizer que existe uma história da identidade e da cultura brasileira que corresponde ao interesse dos diferentes grupos sociais na sua relação com o Estado” (Ortiz, 2005 p.9).

### **‘DiversIdentidades’ da identidade nacional**

Este tema reserva-nos ainda uma maior discussão, na medida em que podemos observar sua re-elaboração de forma distinta, tornando-se indiscutivelmente modificada: mais recentemente a construção do sujeito e seu imaginário identidade-nação estaria sendo admitidas pelas suas características plurais e não mais únicas e consolidadas; o que estaria proporcionando a aceitação do elemento “diversidade cultural” em contrapartida a eliminação da identidade nacional construída por uma calcificação inexistente.



A ‘volta às origens’, supostamente, ‘perdidas’, pelos processos de rompimento das fronteiras nacionais com a constituição da globalização, teriam sido revogadas pelos processos de percepção e recepção sociais?

A tentativa, até então, de traçar caminhos unos dentro da pluralidade e diversidade cultural do nosso país, estaria invalidando-se e visivelmente posta como uma nova formação nacional de Identidade Cultural.

Correa (2006) afirma nossa discussão quando fala que o desequilíbrio entre realidade e idealização torna-se evidente nos meios de comunicação, onde as diversas narrativas se contrapõem ao real e podem ser observadas mais evidentemente.

Os meios de comunicação, ao nascerem na esfera social, e mesmo afastando-se dele quando imbricados de interesses comerciais e manufaturados, vão delineando os diversos discursos, contrapondo-se ou afirmando a cultura do campo social que esteja inserido; nascem no social, mas deslocam-se dele para pensá-lo de forma diferente e autônoma, implicando nisso, também, a autoridade de novos pensamentos sobre o campo social, que por sua vez, tem uma identidade própria que, para Geertz (1989), seja ela “subjetiva” ou “Objetiva”, este não é o foco principal de discussão, mas sim, o que está sendo comunicado em sua trajetória. Apesar de parecer simples esta relação, se imaginarmos a cultura como uma entidade autônoma ou generalizá-la, padronizando-a em “acontecimentos comportamentais” (Hall, 1989 p.8) podemos obscurecer as formas de pensar sobre ela.

“A cultura é pública porque o significado o é” (Geertz, 1989 p.9) e é neste caráter certamente público da cultura que existirá uma possibilidade mais abrangente e democrática de compartilhamento dos aspectos comunicacionais do seu campo.

Será, desta forma, dentro do pensamento de Pierre Lévy (2002) que poderemos compreender os processos de comunicação frente as suas novas tecnologias, uma vez que tal acontecimento vem proporcionando transformado e re-significações expressivas para o campo sócio-cultural.

O contexto “mídia” modificou as estruturas sociais e as atividades do pensamento humano a uma velocidade incrivelmente rápida, o que está interferindo, também, nas tecnologias empregadas. Este ciclo, técnica - comunicação – técnica, é conflituoso e encontra-se aberto, indeterminado: é o grupo ativo e enérgico povoado por especificidades e individualidades, as quais atuam dentro de seus sentimentos mutáveis.

Será a partir desta conjuntura que surgiram as ‘tribos’: a cultura nacional, desestabilizada precisa ser repensada, pois a nação volta a desintegrar-se em diversos



coletivos formados de indivíduos de mesmos interesses e hábitos; os opostos já não se atraem, mas se segmentam em disposições contrapostas. E, por este motivo, algumas formas de se pensar a sociedade já não podem abarcar a totalidade e trata-se de recortes, ‘abstrações’, do campo teórico.

Nossa reflexão sobre o acontecer e o transformar-se da cultura toma como base, então, esta nova forma de constituição midiática, e considera que, mais do que a informação circulada está subentendida a reciprocidade de outras formas de relação. Com isso, não será a mensagem concreta, materializada em texto, imagem ou na fala, a essência que constituirá a comunicação, mas sim, o que está implícita e recíproco nas relações. Em um breve e simples exemplo Pierre Levy (2002) nos mostra claramente este contexto: “Quando, por exemplo, conversamos sobre o tempo com um comerciante de nosso bairro, não apreendemos absolutamente nada de novo sobre a chuva ou o sol, mas confirmamos um com o outro que mantemos boas relações” (p.21). E é aqui que podemos perceber, também, que a comunicação estará certamente mais voltada para o plano das representações, uma vez que podemos desvinculá-la de sua ação.

Nessa nova constituição, onde o “Poder e a Sedução” tomam o lugar da “Paixão e da Embriaguez” (Levy, 2002 p. 22), as mensagens voltam-se a questionar sobre o contexto e seu sentido; os agentes comunicativos, dentro do novo universo de sentido, produzem continuamente ‘teias comunicacionais’. É a idéia de hipertexto apresentada por Pierre Levy (2002), onde o Texto deriva-se do ato de tecer.

Neste sentido, entendemos que a construção de identidades estará intrinsecamente ligada aos processos de comunicação como um grande novelo pronto a se transformar em produção através de voltas, enlaçamentos e nós, onde, para ele, só existe um fim certo, a “peça de tricô” (Levy, 2002 p.22). “Em termos gerais, cada vez que um caminho de ativação é percorrido, algumas conexões são reforçadas, ao passo que outras caem aos poucos em desuso...metamorfose permanente” (Levy, 2002 pp.22-24)

Os novos espectadores, agora ativos e participantes dos seus processos culturais, são determinados pelo sentido de suas relações; são mutantes e descentrados; participantes de relações instáveis; suas expressões e reações nem sempre serão conscientes.

Não será mais a relação de patronato o indicativo das atuações dos seus indivíduos no campo comunicacional. Uma vez que seus sujeitos passam a ocupar diferentes lugares e posições, em variados momentos histórico-político-sociais, as



identidades deslocadas – ora representação do ambiente familiar; ora da atuação social – passam a proporcionar ao indivíduo certa instabilidade que o fará desenvolver diferentes formas de reação, dentro das diferentes situações, utilizando-a como lhe aprouver. E será baseado neste pensamento que a estruturação dos novos ‘eus’, diversificados entre si e “intrar” si, farão parte, agora de uma cultura nacional que tem por foco uma infinita diversidade montante unida por suas disparidades para representar a nação, em nosso caso: o povo brasileiro.

### **Objeto de Estudo e tópicos de análise nas produções sonora, literária e visual de “Cultura Utilitária”**

O material foi analisado dentro de uma perspectiva semiótica, baseada nos processos de *primeiridade*, *secundidade* e *terceiridade*, nos termos da semiótica referenciada por Pierce. A partir disso foram escolhidos 6 tópicos para que fossem dissertados: o material visual - fotos (encarte), os temas, texto descritivo, o logotipo, a música tema do Cd que dá o nome ao álbum e a sonoridade.

Referindo-se ao *material visual* do Cd (encarte), este possui 12 páginas com fotos contendo produções de cerâmica (peças decorativas, em sua maioria recipientes de barro) e locais destas práticas, paisagens locais (Chapada dos Guimarães – fotos panorâmicas e da rodovia de acesso Cuiabá/Chapada-MT) e estabelecimento comercial (shopping popular – bairro do Porto/Cuiabá-MT).

Dentro do contexto ilustrativo encontra-se muito marcantemente, e em sua essência, elementos da cultura do barro. As características do material visual buscam refletir uma cultura com bases na produção ceramista.

Após a queda da produção açucareira, em 1930, a população ribeirinha passa a produzir peças de cerâmicas artesanais (moringas, potes, talhas, vasos e panelas) como maneira de subsistência, a chamada “Cerâmica Utilitária” (ROMANCINI, 2006). A prática de peças ornamentais (figuras de aves e animais, damas, santos, presépios, banda de músicos) poderá somente ser observada após 1960, devido “ao avanço da sociedade de consumo que influenciou os hábitos da população cuiabana” (ROMANCINI, 2006).

Devido à sua relação, como um princípio de retomada econômica e social para a região, o barro toma um novo sentido onde, acaba por estreitar laços entre a cultura (forma de produção) e a significação, projeta seu novo simbolismo.



Na década de 90 houve uma tentativa de retomada, “resgate”, da cultura local, no sentido de discutir o suposto conflito entre o ribeirinho e a cultura em transformação: a hereditariedade da produção do barro, tão significativa para os mais idosos, estariam sendo marginalizadas pelos filhos e netos.

A cultura do barro, produzida após 1930, em 60 anos (até a ano de 1990) poderia ser significado de tradição cultural, ou de uma construção de identidade cultural?

Conforme a autora da música, *Cultura Utilitária* foi escrita em 1997, ano em que cursava a disciplina Arte Popular Regional no curso de licenciatura em música pela UFMT. O assunto, muito em voga na época, inspirou-a em uma produção que se realizaria dez anos depois: A música foi carro chefe do Cd lançado em maio de 2007.

Porque a “Cultura Utilitária” após 10 anos?

O termo nos sugere um paradoxo na atualidade: de um lado o termo cultura utilitária dos anos 90, encarado com a produção essencial para vida do homem ribeirinho, e por outro sua forma pejorativa como produção humana isenta de valores ingênuos. Esta nova conotação abre leques de possíveis identificações do material produzido e seu público, uma vez que poderá ser tanto o ribeirinho quanto um consumidor qualquer o indivíduo adquirente do material produzido.

Sobre as *letras* das músicas - as quais tem por título: “Bocaiúva”, “Cultura Utilitária”, “Úmido trópico”, “Cem palavras: fauna e flora”, “Pousará”, “Brasilidade”, “Pantaneiro”, “Mar Xaraés: terra de Boi”, “Janelas” e “Paisagem” - trazem como foco questões ambientais (fauna, flora, degradação, características fisio-geográficas e climáticas da região), reflexões sobre as expectativas da vida, nos âmbitos social, ambiental e subjetivo, o homem pantaneiro, a identidade nacional e questões indígenas.

Estes *temas* criam um ambiente imaginário que permeia elementos já instituídos pela cultura local como ícones chaves para o simbolismo e a representação cultural regional.

Ao término da exposição das fotos, localizado na última página do encarte encontra-se o seguinte *texto*:

As discussões sobre temas como o hibridismo cultural, a crise de identidade e o imaginário estão fortemente presentes nas reflexões sobre a cultura na atualidade. O que busco aqui é mostrar um discurso desenvolvido pelo pensamento de um determinado sujeito, o ‘eu’, muito especificamente o meu, que entre tantos, busca fixar-se construindo sua própria identidade. Para tanto, criou-se um imaginário

através de elementos que apontam à nossa região, temas sobre o pantanal e a chapada dos Guimarães, a cultura do barro, as janelas cuiabanas, a bocaiúva, a fauna, flora e aspectos gerais da cultura local. Quanto aos elementos musicais, está presente uma mescla das fortes ‘tribos’ existentes no estado: pop music, bossa nova, hip-hop, entre muitos outros; ou não, já que a imagem é minha. (SANTOS, a.c, 2007).

Claramente observamos a preocupação descritiva da obra em localizar-se dentro da cultura regional, admitindo elementos locais já instituídos e novos elementos que surgem da cultura atual para agregá-los, buscado legitimar-se como participante da cultura local.

O *logotipo* - em forma de carimbo redondo, com sua impressão apagada, contendo apenas o nome do cd envolto em um círculo - nos expressa uma construção imaginária de produtos comercializados, tipo “importação/exportação”, intenção que o próprio proponente do projeto admite querer desenvolver através da referida marca.

Como *sonoridade* o resultado do trabalho apresenta dez músicas de gêneros e estilos variados como pop, rock nacional, hip-hop, baladas e pop-funk; seus arranjos são compostos, em sua grande maioria, por violão, baixo, teclado e bateria, variando sua formação conforme o gênero musical; existe, de forma geral, dois grandes grupos estilísticos: um com características mais acústicas e outro de sonoridades sampleadas (utilização de samplers - técnica de reprodução de timbres acústicos).

O material sonoro sugestivamente nos indica ao contexto da música comercial, onde suas características estéticas estão baseadas, e previamente emolduradas, dentro da produção cultural mercadológica: onde são tomadas como base e reconhecida no contexto cultural como sendo tipos de sonoridades tidas previamente como fórmulas práticas de “gostos certos”, possibilitando um imediatismo na identificação do sujeito com o “novo” material sonoro proposto.

O gênero musical, desta maneira, age como um veículo de materialização estética - o agrupamento de similaridades, e sua padronização, juntamente como os seus canais mantenedores e institucionais (podendo citar: a publicidade, a língua, a moda, o estilo e o belo) - responsáveis pela eliminação de disparidades.

Neste sentido, afirmamos que o gênero é o principal instituidor de uma forma fictícia de homogeneização e perpetuação de estabilidades, pois, ao mesmo tempo em que agrupa características próximas para se formar, os processos de transformação são



cristalizados; uma fórmula identitária que age estereotipando as possíveis identificações cabíveis.

Podemos, assim, citar também de forma ilustrativa o gênero musical regional “Rasqueado Cuiabano” que passa por processos de transformações – apropriação e re-significação – ao longo das mudanças histórico-sociais de sua localidade de origem: O Rasqueado, utilizado pelo homem ribeirinho como componente da sua cultura, transpassou as fronteiras de circulação através de uma re-leitura do campo social, que também, mas não somente, tem como influenciador a indústria fonográfica, que busca aliar a cultura regional – baseada na vida do homem humilde e de raízes fincadas na terra - às acelerações da contemporaneidade.

Seu ritmo mudou, e suas variações, na atualidade, podem ser renomeadas dentro de um novo gênero, como exemplo o ‘lambadão cuiabano’. O que acontece, desta forma, são os diversos registros (identidades) das diferentes épocas: fotografias que relatam em determinados momentos devidas atitudes.

### **Identidade legitimada pela diversidade cultural**

De forma geral, Cultura Utilitária busca através de suas *sonoridades* pertencer a uma produção musical especificamente comercial onde temas e motivos musicais são explorados de formas simples, com a intenção única de identificações imediatas com o plano cultural. O gênero musical aparece aqui como instituidor, tanto de uma estética musical mercadológica, quanto de estética baseada em grupos específicos sociais: busca uma sonoridade já intitulada dentro de diversos locais culturais para que seja imediatamente legitimado.

Vemos a presença de valores e elementos da cultura local e ingênuas; do homem ribeirinho como gerador de uma cultura verdadeiramente tradicional, com raízes firmadas na idéia de um povo original, o que somado as características advindas das novas manifestações culturais podem abarcar um número maior de indivíduos e grupos sociais.

A cultura do barro está nitidamente fixada dentro da narrativa *Tradição* abordada por Hall (2004), onde ao contrário do que pensamos é muito mais recente do que sugere-nos a palavra; mais como impositora de identidade de grupos minoritários, sugerindo que toda a cultura regional fora deste contexto, seja tomada como exterior as raízes culturais.



O barro, possivelmente, poderá ainda indicar-nos “Adão”, um início gerador de vida; unidos em uma convivência harmoniosa, homem e barro, proporcionam um gancho de retomada da vida econômica e social da região; início de um novo sentido (o gênese, a páscoa - passagem, ressurreição).

Existe uma articulação entre referenciais da cultura tradicional (presentes nos temas, fotos e letras) e as mais diversas culturas pertencentes à sociedade atual (expostos nos gêneros musicais e discursos textuais), o que faz “Cultura Utilitária” vestir-se de uma infinita diversidade cultural para construir sua identidade e, conseqüentemente, validar sua trans-temporalidade da existência na cultura passada e presente, com indicativos de novos rumos: o sujeito regional, tradicionalmente conhecido, é mesclado com os mais diferentes simbolismos existentes no campo cultura da atualidade, apontando e sugerindo a construção de uma nova identidade do devir; Assegurando características diversificadas dos mais divergentes grupos sociais, afirmamos a existência de uma unidade identitária formada por elementos plurais.

Desta forma, Cultura Utilitária visivelmente se autodenomina e coroa-se através da sua própria a Marca (em seu caráter físico e tridimensional), confirmando sua livre circulação dentro do campo cultural.

## **BIBLIOGRAFIA**

BALLONE G.J. **Percepção e Realidade**. disponível em <http://www.psiqweb.med.br/>, revisto em 2005. Acesso em 20/06/2006.

BOSI, Alfredo. **O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia**. In: Dante Moreira Leite. 4ª ed. Definitiva. São Paulo: Pioneira, 1983.

CORREA, João Carlos. **Comunicação e deliberação democrática: algumas reflexões**. Universidade da Beira Interior. disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/correia-joao-comunicacao-e-deliberacao-democratica.pdf>> acesso 13/06/2006.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. Série Princípios. 7ª. Ed. São Paulo: Ática, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. São Paulo: LTC, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.



LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia.** 4ª ed. Definitiva. São Paulo: Pioneira, 1983.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: ed. 34, 2002. 12ª reimpressão.

LOPES, João Teixeira. **Público, palcos e amigos: olhares sobre a percepção cultural.** Universidade do Porto. disponível em <www.bocc.ubi.pt> acesso em 21/06/2006.

NOVAES, Dauto. **Apresentação.** (In) Squeff, Enio; Wisnik, José Miguel. Música: o nacional e o popular na cultura brasileira. 2ª reimpr. Da 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade nacional.** 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

ROMAMCINI, Sônia Regina. **Entre o barro e o siriri: um estudo sobre o papel da mulher na cultura popular de São Gonçalo Beira Rio em Cuiabá-MT.** Acesso em 24/04/2007. [http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Sonia\\_Regina\\_Romancini\\_56.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Sonia_Regina_Romancini_56.pdf).

RUBIM, Antônio Albino; BENTZ, Ione Maria G; PINTO, Milton José.(orgs). Produção e Recepção dos Sentidos Midiáticos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. **Poesia e música: Semelhanças e diferenças.** (In) Sekeff; Zampronha. Arte e Cultura: estudos interdisciplinares II. São Paulo: Anablume, 2002.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis - afeto, mídia e política.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.